

## A educação em Agostinho

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

### 1. Introdução do *De Catechizandis Rudibus*

Estes apontamentos sobre a educação em Agostinho foram feitos a partir do *opúsculo De Catechizandis Rudibus*, obra catequética escrita a pedido do diácono Deogratias de Cartago, no ano 405 da nossa era. Ora, Deogratias era responsável por transmitir os rudimentos da fé cristã aos candidatos ao catecumenato. Com efeito, ele se angustiava com a sensação de não conseguir passar o conteúdo da fé com clareza e entusiasmo: “Na verdade, o que mais te ouço lamentar é que a tua palavra te parece vulgar e sem elevação quando incitas alguém no cristianismo”<sup>1</sup>. Julgava que só conseguia aborrecer os seus ouvintes com a sua fala. Na verdade, nem gostava de se ouvir falando. Por causa disso, resolveu pedir “socorro” a Agostinho, que lhe respondeu com este *opúsculo*.

Agostinho começa respondendo que o fato de o *sermão* de Deogratias não agradar a si mesmo, não significa que ele não esteja agradando aos seus ouvintes: “(...) procura entender que o teu discurso não desagrada aos outros assim como te desagrada”<sup>2</sup>. Ademais, o próprio Agostinho confessa-lhe que seus próprios *sermões* nem sempre lhe agradam: “Também a mim me desagrada quase sempre o meu sermão”<sup>3</sup>.

O desejo de nos fazermos entender em tudo o que dizemos – acentua Agostinho – torna-nos quase sempre *ansiosos* e *preocupados* e isto pode tornar desagradável a nossa fala. Sem embargo, muitas vezes não é o nosso *ensinamento* que causa, mas é esta sensação de estarmos sendo enfadonhos que torna desgostosa a nossa fala sobre determinado assunto.<sup>4</sup> Por

---

<sup>1</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Instrução dos Catecúmenos**. 2º ed.. Trad. Maria da Glória Novak. Rio de Janeiro, Vozes, 2005. X, 14.

<sup>2</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>3</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>4</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Atormentamo-nos por isso e o desgosto nos entorpece... E é esse desgosto que torna a pregação mais frouxa e embotada do que era quando fomos levados a desgostar-nos.”

consequente, conclui ainda o Doutor de Hipona: é quando com prazer ensinamos que com prazer somos ouvidos: “O fato é que somos ouvidos com maior prazer quando a nós mesmos nos agrada o nosso trabalho”<sup>5</sup>.

## 2. *O conceito de conhecimento*

Segundo Tomás de Aquino – que viveu muitos séculos depois de Agostinho – o conhecimento consiste no ato de o conhecido passar a existir no cognoscente: “quia cognitio et secundum quod cognitum est in cognoscente”<sup>6</sup>. Agora bem, o consiste em o aluno receber a ciência do mestre, por intermédio do mestre e é esta ciência que passa a existir no espírito do discípulo: “(...) na ciência do mestre está contido o que ele infunde na alma do discípulo (...)”<sup>7</sup>. Portanto, pode-se definir o aprendizado como a participação do aluno na ciência do mestre.

## 3. *A simpatia*

Cria-se um diálogo de *simpatia*, pois, da mesma forma que o aluno tende a participar do ensino do mestre, o mestre tende a participar, e assim deve ser, da aprendizagem do aluno, já que o aluno quer aprender e o mestre ensinar. Na verdade, neste processo o mestre sempre aprende, já que, como o aluno, também ele precisa aprender: não só o conteúdo que irá ensinar, mas principalmente a melhor forma de ensiná-lo aos outros. Com efeito, para ensinar, o professor necessita, antes de qualquer coisa, colocar-se no compasso daquele aluno, aprender o seu ritmo de aprendizagem, harmonizar-se com o seu tempo e assim ensinar e apreender com ele.

---

<sup>5</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>6</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v.I. I, 16, 1, C: “O conhecimento consiste em que o conhecido está naquele que conhece.”

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. v 1. I, VII, 3.

Aliás, a simpatia (*sym-pathico: sentir do mesmo modo*), segundo Agostinho, deve ser um pressuposto de toda aprendizagem que não queira cair no enfado. Destarte, antes de darmos a conhecer qualquer coisa ao aluno, é preciso que nos demos a conhecer a ele para que ele se dê a conhecer a nós, e assim possamos aprender qual a melhor forma de facilitar o seu aprendizado e de ser um mediador do conhecimento para ele.

Portanto, antes de os alunos aprenderem algo através de nós é preciso que eles aprendam em nós. Com efeito, se conhecer consiste em o conhecido habitar naquele que conhece, então, para aquele que quer dar a conhecer, é preciso, antes de mais nada, dar-se a conhecer, de modo que ele – antes que a sua ciência – passe a habitar no seu aluno e vice-versa. Quando, enfim, é criada esta atmosfera de confiança mútua, de simpatia e segurança, então nasce naturalmente também aquele *querer aprender juntos*:

Tão poderoso é o sentimento da simpatia que, no momento em que eles são impressionados por nós (Os ouvintes) – que falamos, e nós por eles – que aprendem, *habitamos uns nos outros*. Assim, tanto eles como que *dizem em nós* o que ouvem, como nós, de certo modo, *aprendemos neles* o que ensinamos.<sup>8</sup>

Com efeito, quantas vezes o professor deve sentir-se enfadado por ter que ensinar as mesmas coisas a cada novo semestre, a cada nova aula, a cada nova turma? Ora bem, como evitar este enfado? Segundo Agostinho, não há outro modo de se renovar o ensino a não ser por meio de uma *identificação* que se dá, justamente, na *simpatia professor/aluno*. Nesta dinâmica, os dois passam a ter os mesmos sentimentos e a alegria do aluno passa então a ser a alegria do professor; o professor passa a aprender com o aluno e não simplesmente a fazer com que o aluno aprenda:

Não é o mesmo que acontece quando mostramos, a quem jamais havia visto, os lugares suntuosos e belos da cidade ou dos campos? Nós, vendo-os amiúde, os percorreríamos sem qualquer alegria. Agora, no entanto, não se renova o nosso prazer pelo prazer de sua surpresa?<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> AGOSTINHO. *Op. Cit.* XII, 17.

<sup>9</sup> *Idem. Op. Cit.* XII, 17: “Se mostramos o caminho a alguém que sofre andando sem destino, atravessamos com generosa alegria ruas conhecidíssimas.”

## 5. *A filia*

Ora, esta simpatia que Agostinho julga essencial na educação, leva-o também a postular o *amor/filia*, como sendo um elemento imprescindível no processo da aprendizagem, pois *ensinamos melhor a quem amamos*. De fato, não se pode negar a grande diferença que existe entre ensinar um estranho e ensinar a um amigo ou a um filho: “(...) quanto mais amamos aqueles a quem falamos, tanto mais desejamos que lhes agrade o que lhes oferecemos para a sua salvação”<sup>10</sup>. Por isso, mister é que entre professor e aluno não haja estranhos. É o próprio Agostinho quem propõe a Deogratias que procure informar-se, antecipadamente, sobre o estado de espírito e as causas que fizeram com que os seus ouvintes viessem buscar aquela aprendizagem. Com efeito, será de acordo com as suas respostas que o ensino deverá ser conduzido:

É útil que nos informemos com antecedência, se possível, junto aos que o conhecem, sobre o seu estado de espírito e as causas que o induziram a vir receber a religião. Não havendo quem nos informe, ele mesmo deve ser interrogado e, de acordo com suas respostas, conduziremos a palestra.<sup>11</sup>

De fato, quanta motivação não nos viria se ao olharmos para os nossos alunos não víssemos um estranho, mas um amigo. Esta parece ser a única maneira de não reduzirmos o ensino a uma mera *transmissão de conhecimento*. Onde há *filia*, o processo se encaminha, naturalmente, para a *autonomia* do aluno. Nesta concepção de educação proposta por Agostinho, aquele que aprende, passa cada vez mais, a ser capaz de buscar sozinho o conhecimento e a poder, doravante, ensiná-lo aos outros. O Doutor de Hipona aponta também para este aspecto, dizendo:

Quando de alguma forma nos adiantamos espiritualmente na contemplação da verdade, não queremos que aqueles que amamos se alegrem e admirem ao contemplar obras de mãos humanas. Queremos que se elevem até a própria arte ou desígnio do Autor (...).<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> *Idem. Op. Cit.* X, 14.

<sup>11</sup> *Idem. Op. Cit.* V, 9.

<sup>12</sup> *Idem. Op. Cit.* XII, 17.p. 68.

## 6. A superação do medo e da timidez

Agora bem, em todo este processo de aprendizagem, no qual a *simpatia* ocupa lugar primordial, surge também o gradual afastamento do *medo*, próprio entre pessoas desconhecidas, que ignoram e não levam em conta: nem as *qualidades* e nem as *limitações* uns dos outros. De fato, a aula deve ser participativa. Nela, o aluno deve atuar e não somente estar presente. Todavia, para que isto aconteça, todo o temor deve ser afastado, como também deve ser amenizada a timidez. Deve-se criar um clima de alento que permita descobrir se realmente aquele que está ouvindo está, de fato, aprendendo; devem-se, ademais, criar momentos propícios para que o ouvinte manifeste a sua dúvida, dê suas sugestões e mesmo levante eventuais objeções. Sugere Agostinho a Deogratias, em relação ao ouvinte:

Deve ser afastado com branda exortação o temor excessivo, que lhe impede manifestar a sua opinião; deve-se moderar-lhe a timidez, fazendo-o notar que está entre irmãos. É preciso descobrir por meio de perguntas se está entendendo, e incutir-lhe confiança para que ele fale sem temor se quiser opor alguma objeção.<sup>13</sup>

## 7. A pertinência do hilário no ensino

Com efeito, a aula e o ensino não precisam ser cansativos ou causadores de tédio! Agostinho se interessava também pelo conforto físico do seu *auditório*. Ele chega a pedir que todos, durante a instrução, possam ficar sentados e não em pé: “Podemos, talvez, socorrê-lo oferecendo-lhe uma cadeira. É sem dúvida melhor, no entanto, que desde o princípio ouçam sentados, sempre que possível”<sup>14</sup>.

Ademais, aconselha que, se em vez de *aplausos*, percebermos que a nossa *explicação* provoca *bocejos*, tenhamos o discernimento de imediatamente procurar restaurar os ânimos. É interessante observar que o Bispo de Hipona não culpa o auditório pelos bocejos; ao contrário, faz notar que muitas vezes é contra a sua própria vontade que ele (o auditório) boceja. Deste

---

<sup>13</sup> *Idem. Op. Cit.* XIII, 18. p. 69

<sup>14</sup> *Idem Op. Cit.* p. 70.

modo, Agostinho sugere que, nas ocasiões em que isto ocorre, o palestrante esteja atento para perceber que a sua palestra está tornando-se cansativa!

Agora bem, o restabelecimento dos ânimos se dá pela introdução do elemento hilário (*hilaritas*) na instrução. Todavia, “hilário” deve estar “conectado” ao assunto e tentar assim voltar a despertar o interesse por ele. Com efeito, o que ensina deve levar o ouvinte sonolento à admiração ou ao lamento. O que importa é que, maravilhado, o ouvinte seja “picado” pelo interesse e desperte-se do seu “quietismo”. Todavia, deve-se cuidar a fim de que nenhuma ofensa seja feita ao ouvinte e tudo ocorra com muita familiaridade e espontaneidade. Descreve Agostinho a situação do aluno enfadado por um mestre sem discernimento:

(...) cansado de ouvir ou de ficar de pé, já não separe os lábios para elogiar, mas para bocejar... demonstrando, contra a vontade, que deseja ir embora. Ao percebê-lo, devemos restaurar-lhe o ânimo. Diremos alguma frase temperada com honesta alegria e adequada ao assunto que tratamos. Algo maravilhoso e estupendo... ou aflitivo e lastimável. Algo que diga respeito a ele mesmo para que, picado pelo próprio interesse, desperte. Cuidaremos entretanto em não lhe ofender a modéstia com qualquer aspereza, mas em atraí-lo com familiaridade.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> *Idem. Op. Cit*

## ***BIBLIOGRAFIA***

AGOSTINHO. **A Instrução dos Catecúmenos**. 2º ed.. Trad. Maria da Glória Novak. Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

FRANGIOTTI, Roque, OLIVEIRA, Nair Assis. **Introdução aos Bens da Viuvez**. São Paulo: PAULUS, 2000.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. v 1.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v.I.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.